



Opinião Econômica

Bráulio Borges

Doutorando em economia da FGV EESP, mestre em economia na FEA-USP, é diretor da LCA Consultores e pesquisador-associado do FGV Ibre



O novo PIB que surgirá em 2027

Não faz sentido o novo PIB do IBGE já nascer velho; Instituto precisa atentar para a atualização de estatísticas brasileiras

O IBGE revelou nesta semana o desempenho do PIB brasileiro em 2025. Como foi amplamente divulgado, o crescimento no ano passado foi de 2,3% - variação que, pela primeira vez em muitos anos, não representou uma surpresa favorável muito expressiva em relação às projeções elaboradas pelos analistas, como expliquei em detalhes em uma coluna anterior.

Ademais, a evolução do PIB em termos trimestrais e dessazonalizados aponta para uma economia que vem “andando de lado” há alguns trimestres, ao menos em termos agregados. Isso ajudou a amenizar um quadro de algum superaquecimento que vinha sendo observado entre meados de 2023 e meados do ano passado

(vide aqui outra coluna minha sobre isso).

Mas o que eu queria explorar mais neste texto está relacionado ao próprio IBGE, que é quem elabora essas estimativas do PIB brasileiro há mais de três décadas (antes disso, a responsável era a FGV). Como é amplamente sabido, tem havido muito conflito entre o atual presidente do IBGE, Márcio Pochmann, e diversos funcionários do instituto. No movimento mais recente, parte relevante da equipe de Contas Nacionais, responsável por calcular o PIB, acabou pedindo para ser afastada por não concordar com diversas atitudes e posturas do presidente.

Isso suscitou diversas suspeitas quanto a uma eventual pressão para manipular as estatísticas

produzidas pelo IBGE, tornando-as mais favoráveis ao governo atual. Contudo, em contraste com o que vem circulando em diversas redes (anti)sociais, os números do IBGE seguem coerentes com indicadores semelhantes calculados por outras instituições. Por exemplo, a inflação do IPCA/IBGE em 2025, de 4,3%, foi até mesmo mais alta do que aquela apurada pelo índice equivalente calculado pela FGV, o IPC-DI, que subiu 4,0%. Na mesma linha, o IBC-Br, uma espécie de PIB mensal estimado pelo Banco Central, subiu 2,5% em 2025.

Eu não conheço todos os detalhes dessas rixas internas no IBGE, mas, usando o argumento de fazer desse limão uma limonada, acho que a nova equipe que assumirá o Departamento de Con-

tas Nacionais poderia aproveitar para corrigir algo que vem sendo criticado por mim e por vários outros usuários de estatísticas.

Explico: o IBGE anunciou no ano passado que irá atualizar a metodologia de cálculo do PIB, divulgando os novos resultados provavelmente em 2027, revisando as séries históricas pelo menos desde 2010. Isso costuma acontecer de tempos em tempos (a última vez foi em 2015) e é algo necessário, para incorporar novas recomendações da ONU, bem como novas informações mais estruturais (como aquelas oriundas do Censo 2022). Uma carta do FGV IBRE publicada em meados do ano passado detalhou tudo isso. Também escrevi uma coluna aqui sobre essa e outras atualizações de estatísticas brasileiras que estão ocorrendo de agora a 2027.

Contudo, em contraste com o observado no ciclo de revisão anterior da metodologia de cálculo do PIB brasileiro, até agora

a equipe de Contas Nacionais não publicou nada sobre essa revisão, nenhuma nota metodológica, nem realizou nenhum seminário para apresentar e coletar impressões junto aos usuários. Convém lembrar que, antes de publicar os novos números em meados de 2015, o IBGE vinha promovendo seminários e divulgando relatórios desde 2013.

No mais, a nova equipe de Contas Nacionais também poderia acatar ao menos algumas das sugestões de diversos economistas apresentadas na carta do FGV IBRE supracitada.

Destaco aqui a recomendação de que o “novo PIB” utilize as informações da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) coletada pelo IBGE entre 2024 e 2025 e não aquelas da POF 2017/18 (anterior à pandemia e a várias mudanças drásticas de hábitos de consumo que ocorreram nos últimos anos, sobretudo após a pandemia).

Não faz sentido o “novo PIB” já nascer “velho”, defasado.



Crédito Consignado CLT

Para contratar, acesse o aplicativo Banrisul >> Empréstimos >> Empréstimos Consignados ou procure sua agência.



banrisul

SAC 0800 646 1515 Ouvidoria 0800 644 2200

* Sujeito a análise de crédito.

Indústria nacional cresce 1,8% em janeiro de 2026, aponta IBGE

/ INDÚSTRIA

A produção industrial brasileira cresceu 1,8% em janeiro de 2026, em relação ao mês de dezembro de 2025, registrando o maior crescimento desde junho de 2024, quando a indústria deu um salto de 4,4%. Com a expansão no início deste ano, a indústria nacional reverte parte das perdas acumuladas entre setembro e dezembro de 2025.

As informações foram divulgadas nesta sexta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e integram a Pesquisa Industrial Mensal (PIM). Na comparação com janeiro de 2025, o crescimento deste ano, de 0,2%, interrompe três meses consecutivos de queda na produção. Em dezembro, novembro e outubro, a indústria tinha recuado -0,1%, -1,4% e -0,5%, respectivamente.

Com o resultado positivo em janeiro, a indústria nacional conseguiu crescer também de 1,8% acima do patamar de produção antes da pandemia de Covid-19, em fevereiro de 2020. Mas ainda está abaixo do recorde de 15,3% de crescimento no mês de maio de 2011.

De acordo com o gerente da pesquisa, André Macedo, o crescimento de janeiro de 2026 se deu diante de uma “intensa queda” da produção em dezembro de 2025, que tinha sido a mais elevada desde março de 2021.

“Naquele mês, além do movimento de menor dinamismo que vinha caracterizando o setor industrial, observou-se também uma maior frequência de férias coletivas. Com a retomada das atividades produtivas no início do ano, ocorre uma recuperação de parte dessa perda”, explicou,

em nota divulgada à imprensa pelo IBGE.

Como fatores que ainda travam a economia, Macedo cita a política monetária, de juros altos, que dificulta o acesso ao crédito para investimentos. “O avanço de janeiro de 2026 é relevante, mas ainda não é suficiente para compensar integralmente a perda acumulada no final do ano passado, de setembro a dezembro, permanecendo um saldo negativo de 0,8%”, observou.

A alta de 1,8% em janeiro ante dezembro na produção da indústria foi a mais intensa desde junho de 2024, quando havia expandido 4,4%. Considerando apenas meses de janeiro, a elevação foi a mais significativa desde 2009, quando foi de 2,1%. O resultado tem magnitude importante, mas não recupera as perdas dos meses anteriores, ponderou Macedo.

Venda de veículos sobe 8,6% em fevereiro, diz Anfavea

A venda de veículos cresceu 8,6% em fevereiro na comparação com janeiro, chegando a 185,2 mil emplacamentos. Na comparação com fevereiro do ano passado o crescimento foi 0,1%. No primeiro bimestre de 2026 as vendas somaram 355,7 mil unidades, resultado semelhante ao do mesmo período do ano passado, segundo os dados divulgados nesta sexta-feira (6) pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

A produção também registrou aumento em fevereiro ante janeiro, com 204,3 mil novas unidades saindo das fábricas, 24,9% a mais do que as 163,6 mil unidades produzidas em janeiro. Já no acumulado do ano, a produção foi de 368,0 mil autoveículos, um recuo de 8,9% na comparação com o primeiro bimestre do ano passado. Também houve recuo com relação a fevereiro de 2025 (8,2 %). “Importante frisar

que, em 2025, o Carnaval caiu em março, contribuindo também para um melhor ritmo de produção em fevereiro do ano passado”, diz a entidade.

Segundo a Anfavea o bom ritmo de vendas em fevereiro não foi suficiente para segurar o ritmo de produção no primeiro bimestre, fortemente impactado pelo recuo nas exportações. No total, 59,4 mil unidades foram embarcadas ao exterior no primeiro bimestre do ano, o que representa uma queda de 28% ante o mesmo período de 2025.

Em fevereiro foram exportadas 33,5 mil. 29,6% a mais do que em janeiro (25,9 mil). Na comparação com fevereiro de 2025, houve queda de 34,0 %. “Causa preocupação a retração expressiva nas exportações para a Argentina, mercado que nos ajudou muito nos resultados positivos de 2025”, afirmou o presidente da Anfavea, Igor Calvet.